

## Resgate de memória institucional: 17 anos de SEACOM<sup>1</sup>

Aline Schultz<sup>2</sup>

Elton Pacheco<sup>3</sup>

Fabíola Pinheiro<sup>4</sup>

Laís Francine Homrich Peixoto<sup>5</sup>

Michele Bieck<sup>6</sup>

Robson Ebert<sup>7</sup>

Ana Maria Strohschoen<sup>8</sup>

Universidade de Santa Cruz do Sul, RS

### RESUMO

As 17 edições da Seacom (Semana Acadêmica do Curso de Comunicação Social da Unisc) foi o tema escolhido para o trabalho audiovisual de Memória Institucional, proposto pela Professora Ana Maria Strohschoen na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Comunicação. O trabalho foi produzido pelos acadêmicos da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc), Aline Schultz, Elton Pacheco, Fabíola Pinheiro, Laís Francine Homrich Peixoto, Michele Bieck e Robson Ebert. Em 20 minutos, foram apresentadas informações referentes às dezessete edições das Seacom. O vídeo foi apresentado à turma no dia 7 de dezembro de 2012. A execução do trabalho de resgate de memória da Seacom trouxe a possibilidade de entender e conhecer melhor a história do Curso de Comunicação Social de Unisc.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória Institucional; Semana Acadêmica Comunicação Social; UNISC

### 1 INTRODUÇÃO

O Curso de Comunicação Social da Unisc foi criado em 28 de outubro de 1993, e a partir de março de 1994 passou a funcionar, oferecendo 50 vagas para os estudantes. No

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Relações Públicas e Comunicação Organizacional, modalidade Produto de comunicação institucional audiovisual.

<sup>2</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Produção em Mídia Audiovisual, email: alineschultz@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Produção em Mídia Audiovisual, email: dj\_eltonpacheco@hotmail.com..

<sup>4</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas, email: fabiolapinheiro.rp@gmail.com.

<sup>5</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Produção e Mídia Audiovisual, email: lais.peixoto@sulprint.com.br.

<sup>6</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Produção e Mídia Audiovisual, email:mc.bieck@bol.com.br.

<sup>7</sup> Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Produção e Mídia Audiovisual, email: sm\_origami@hotmail.com.

<sup>8</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social, email:anam@via.com.br.

início do curso, apenas duas habilitações eram oferecidas na faculdade de Santa Cruz do Sul, Jornalismo e Publicidade e Propaganda. A partir de 1996 também passou a ser oferecida a habilitação de Relações Públicas, e somente em 2003 a habilitação de Produção em Mídia Audiovisual.

A Semana Acadêmica do Curso de Comunicação Social teve a sua primeira edição em 1996, e desde então, todos os anos, os alunos podem aproveitar as palestras e oficinas que a Seacom oferece. No recorrente ano, 2012, a Seacom chega a sua 17ª edição, o que comprova o fato de que desde a sua primeira edição nenhum ano passou em branco. A Seacom teve sua primeira edição no mesmo ano em que o curso de Relações Públicas teve início na Unisc.

## **2 OBJETIVO**

Como acadêmicos de Comunicação Social, quando nos deparamos com o quadro histórico do nosso curso incompleto nos sentimos responsáveis por preencher esta lacuna. As dezessete edições da Semana Acadêmica do Curso de Comunicação Social não estavam registradas em lugar nenhum, somente alguns documentos existiam na Agência de Relações Públicas. Nos propusemos a coletar e organizar os dados em ordem cronológica, tendo assim um rico documento que nos permite visualizar as mudanças ocorridas tanto no Curso de Comunicação Social quanto nos desejos dos alunos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

A escolha do tema dentro de um resgate de memória envolve muitos pontos importantes. Para saber que caminho tomar é importante descobrir o que desejamos esclarecer com tais informações. O Curso de Comunicação Social e a Semana Acadêmica do Curso de Comunicação (Seacom) evoluíram juntos no decorrer destes 17 anos. Atualmente, o Curso conta com aproximadamente 500 alunos, divididos entre as quatro habilitações, e por isso, é considerado um dos maiores da Unisc. A Seacom, que iniciou pequena, com palestras em apenas um turno do dia, também já se mostra mais amadurecida e com maior envolvimento dos alunos.

Por possuímos uma necessidade muito grande de conhecer a nossa história e a das pessoas que convivem conosco, nós, estudantes de Comunicação Social da Unisc, ao tentarmos conhecer um pouco mais sobre as antigas Semanas Acadêmicas de nosso curso nos deparamos com uma situação desesperadora. Os registros destas Semanas não foram

arquivados em um local próprio. Existem cartazes, reportagens de jornal e fotografias espalhadas por vários lugares.

Nosso objetivo final, no término da pesquisa, é juntar todo o material encontrado em apenas um local, para que alunos, ex-alunos, professores e demais pessoas que participaram desta história possam recordar os melhores momentos das Seacom. E para que tal meta seja cumprida adotamos a metodologia descrita no livro “A voz do Passado” de Paul Thompson (1992). De acordo com o autor, a história oral pode ser um meio de transformar o conteúdo do que está sendo pesquisado. E é isto o que procuramos, transformar a tabela exposta no capítulo anterior em um acervo completo sobre as 17 edições da Semana Acadêmica da Comunicação. “A evidencia oral também pode ser utilizada para ampliar a informação sobre acontecimentos específicos da historia.” (THOMPSON, 1992, p.113)

A escolha pelo tema “Seacom” também teve influência por ser um assunto referente a universidade, onde pudemos ter ainda mais contato com professores e funcionários de outros departamentos. “A investigação em conjunto também leva professores e estudantes a um relacionamento muito mais íntimo, menos hierárquico, criando muito mais oportunidades de um contato informal entre eles.” (THOMPSON, 1992, p.31)

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

Assim que o tema do nosso trabalho foi definido, tivemos uma conversa informal e não gravada com a professora ministrante da disciplina de Metodologia da Pesquisa Ana Maria Strohschoen - Doutora em Comunicação - e que já trabalha na Universidade desde o início do curso. Quando perguntamos quais as lembranças das Semanas Acadêmicas, ela nos disse que era muito complicado lembrar coisas que aconteceram a muito tempo atrás, principalmente por não possuímos fotografias ou qualquer outro registro que pudesse auxiliar a memória.

Decidimos, então, só realizar as entrevistas depois que muitos materiais estivessem disponíveis para os nossos locutores, e a partir disso começou uma busca por panfletos, folders, reportagens e demais documentos sobre as 17 edições das Semanas Acadêmicas. Os primeiros lugares que procuramos foram nas Agências Experimentais do Curso. Conseguimos com a professora Yévelin o arquivo digital da agência de publicidade e propaganda, mas poucos cartazes estavam lá. Com os cartazes conseguimos poucas informações além do que já tínhamos, como datas, horários e temas das Semanas Acadêmicas. A Agência de Relações Públicas nos disponibilizou uma pasta, com muitos

recortes de jornal sobre eventos da Comunicação Social da Unisc, mas infelizmente, poucas informações foram de nosso interesse.

Desmotivados pela falta de documentos, voltamos a conversar com Ana Maria, que nos relatou que o jornal Gazeta do Sul sempre publicou matérias sobre o que acontecia na Universidade. Entramos em contato com Romeu Schneider, responsável pelos arquivos da Gazeta do Sul, e com muita facilidade tivemos livre acesso aos acervos. Algumas edições tinham guardadas a data e o tema da Semana, o que facilitou muito a busca. Não procuramos apenas nas datas do Evento, mas sempre uma semana antes e também uma semana depois, para que qualquer entrevista, depoimento, sugestão não passasse despercebida.

Conseguimos, através desta pesquisa, informações que foram primordiais para que encontrássemos o restante do material que faltava. Com muitas folhas de xerox de reportagens nas mãos, decidimos o nome dos entrevistados e o que gostaríamos que eles dividissem conosco.

Para muitos projetos, como a respeito de um evento, ou de um grupo pequeno de pessoas, a questão não é de representatividade, mas de quem sabe mais. Como diz o sociólogo Herbert Blumer, a busca deve ser mais de validade do que de fidedignidade: uns poucos indivíduos com esse tipo de conhecimento constituem uma “amostra representativa” muito melhor do que mil indivíduos que estejam envolvidos na ação, que se articula, mas que não tomam conhecimento dessa articulação. (THOMPSON, 1992, p.173)

Os nomes que mais apareceram nos jornais quando o assunto era Seacom foram os escolhidos para as entrevistas. Leonel Aires, professor da Comunicação Social desde 1996, mas que participou do projeto para criação do curso no ano de 1994, e Ana Maria Strohschoen, professora e Doutora em Comunicação Social, que além de ajudar na montagem do curso também era a Coordenadora do Curso de Comunicação Social em 1996, ano da primeira Seacom.

Antes da elaboração das perguntas, o grupo conversou muito, para reafirmar a meta deste trabalho: coletar o máximo possível de informações para que não sobrasse nenhuma lacuna na história da Semana Acadêmica do Curso de Comunicação Social. Seguimos o que Thompson recomenda (1992), quando diz que “a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações.” (1992, p.254). Foi isso o que fizemos quando conversamos pela primeira vez com Ana Maria Strohschoen, a partir desta conversa informal conseguimos definir melhor o problema e localizar melhores formas para resolvê-lo.

Depois do problema novamente estipulado e da posse dos materiais que seriam utilizados para estimular a memória dos entrevistados, optamos por uma conversa mais livre, sem um questionário de perguntas fechadas, já que as informações precisas, como datas, locais e palestrantes nós já possuímos no material escrito. Esperávamos obter das entrevistas “não informações ou evidências que valham por si mesmas, mas sim fazer um registro “subjetivo” de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes.” (Thompson, 1992, p.258)

Optamos por usar materiais que estimulassem a memória dos entrevistados, pois as Semanas Acadêmicas que menos possuímos informações eram as mais antigas, e como Thompson cita:

Imediatamente após um evento, parece de fato que podemos lembrar muito mais coisas do que mais tarde. Por um tempo muito curto, temos algo próximo a uma memória fotográfica. Isso, porém, só dura alguns minutos. É de importância crucial o fato de que essa primeira fase é extremamente breve. A seguir, o processo de seleção organiza a memória e estabelece alguma espécie de marca duradoura mediante um processo químico. (...) De fato, o processo de descarte, que constitui a contrapartida da seleção, continua pelo tempo afora. Evidentemente, isso represente um problema para a história oral.(THOMPSON, 1992, p. 150)

Por este motivo, o nosso processo de entrevistas sofreu um atraso. Queríamos estar com muitas informações em mão para que recortes de jornal e fotografias antigas servissem ao nosso favor. “Uma vez que as datas raramente são o forte nem mesmo da memória imediata, não é nada de admirar que se descubra que a fraqueza na cronologia é uma das maiores limitações de todas as tradições orais.” (THOMPSON, 1992, p.189). Não adiantaria uma pergunta vaga, sobre a primeira ou a segunda Seacom se não existiam materiais para tal estímulo.

O tempo estava passando e as entrevistas ainda não haviam sido feitas por falta de conteúdo de três anos, 1999, 2000 e 2001. O acervo da Gazeta do Sul não nos trouxe qualquer informação sobre estas Semanas Acadêmicas, e não tínhamos nem noção em que mês elas haviam ocorrido. Mesmo assim, agendamos as entrevistas, na esperança de que algum dos locutores pudesse nos dar uma solução para o caso. “A evidência oral também pode ser utilizada para ampliar a informação sobre acontecimentos específicos da história”. (THOMPSON, 1992, p.112)

Primeiramente entramos em contato com o Professor Leonel Aires, como já o conhecíamos o contato foi muito fácil e ele de imediato se mostrou muito interessado na pesquisa, tanto que antes mesmo da entrevista ser gravada, enviou para nós muitos

materiais sobre as Seacom que ele havia guardado no seu e-mail. Eram convites para as palestras, programação das Semanas e demais itens. “Alguns deles poderão começar a pensar nos tópicos que lhe interessam e a procurar alguns documentos antigos antes de você chegar.” (THOMPSON, 1992, p.267) A entrevista foi agendada para o dia 13 de novembro no prédio do Caco, Centro acadêmico da Comunicação Social, lugar em que o informante se sente mais à vontade para falar sobre este assunto e por ser sobre eventos que aconteceram dentro da Universidade, nada melhor do que este local para ativar mais fortemente outras áreas da memória.(THOMPSON, 1992, p.265)

Com Ana Maria Strohschoen, a entrevista foi agendada para a mesma semana, porém na sexta-feira dia 16. Como a Doutora já sabia de nossa pesquisa, não foi preciso muitas explicações para o convite ser aceito. O local escolhido foi uma sala de aula do bloco 53 da Unisc, próximo da onde a professora estaria dando aula no dia. Procuramos utilizar cômodos tranquilos, em que não seríamos perturbados por vozes de outras pessoas e onde não houvesse ruídos fortes. (THOMPSON, 1992, p.269)

O combinado entre os integrantes do grupo, antes de realizar as entrevistas foi de não desligar a câmera em nenhum momento, nem quando o entrevistado estivesse fora do assunto, pois é nesse momento que muitas vezes perdemos informações riquíssimas. (THOMPSON, 1992, p.270)

Iniciamos pedindo para que Leonel contasse a sua história na Unisc, para saber a partir de qual Seacom ele teria informações. Depois da pergunta inicial a entrevista aconteceu de uma forma muito leve e descontraída, o Professor dividiu conosco suas opiniões e memórias. Não interrompemos enquanto o informante falava, e em momento algum introduzimos os nossos comentários. A nossa meta era fazer o informante falar, e conseguir todas as informações necessárias.

Quando a primeira entrevista acabou, aconteceu algo inesperado. O professor Alexandre Borges entrou na sala onde estávamos, e quando questionado sobre as Semanas Acadêmicas, dividiu a lembrança da primeira Seacom que participou na Unisc. Esta entrevista não estava agendada e nem as perguntas definidas, mas por termos o nosso tema muito bem definido e claro conseguimos extrair as informações rapidamente. “Quanto mais claro estiver para você o que vale a pena perguntar e qual a melhor maneira de perguntar, mais você conseguirá obter de qualquer tipo de informante.”(THOMPSON, 1992, p.263)

Com a terceira entrevistada, Ana Maria, não foi diferente. Notamos que muitas das respostas dela se assemelhavam as do primeiro entrevistado, Leonel, e que por estar desde o

início do Curso de Comunicação Social, Ana usou a cronologia da Seacom para contar também as evoluções que o curso já passou. Infelizmente, no final da gravação, fomos interrompidos por algumas meninas que estavam atrás da Ana Maria. Apesar de tentar retomar a entrevista, acabamos perdendo o foco, mas as informações recebidas foram de grande valia.

O êxito que obtivemos nas entrevistas foi graças ao estímulo visual que proporcionamos aos locutores.

Você pode também levar consigo diversos auxílios para a memória. Um velho recorte de jornal ou um guia das ruas do lugar podem ser úteis. (...) Com aquilo ali, não é necessária nenhuma explicação abstrata a respeito do que você está indo fazer. O entrevistado vê o objeto e, se você escolheu bem, ele não precisa de nenhum estímulo para se abrir. (THOMPSON, 1992, p.265)

Depois de todas as entrevistas realizadas, o grupo se reuniu e registrou alguns comentários sobre “o contexto da entrevista, a personalidade do informante, observações adicionais feitas sem serem gravadas, e o que talvez não tenha sido dito”(THOMPSON, 1992, p.278)

Dividimos as tarefas entre os integrantes do grupo. A transcrição das entrevistas foi feita por uma parte do pessoal, a teoria e a edição de vídeo por outros. As transcrições foram feitas de forma integral, como recomenda Thompson, todas as perguntas feitas estão registradas e a ordem das palavras está como foi dita.

A transcrição é, sem dúvida alguma, tarefa que consome muito tempo e que exige alta qualificação. Para cada hora de fita gravada, a transcrição leva pelo menos seis horas e, no caso de gravações com uma fala muito difícil ou com dialeto, mais do dobro.(THOMPSON, 1992, p.291)

Depois de todos os dados coletados, transcrições prontas e referencial teórico compreendido, chegou a vez da edição das entrevistas. Transformar mais de duas horas em apenas vinte minutos, e nesse tempo, contar uma história que já dura 17 anos. Baseando-nos nas citações de Thompson, o nosso vídeo será uma coletânea de narrativas.

Uma vez que pode ser que nenhuma delas seja, isoladamente, tão rica ou de história de vida mais típico. Permite, também, que as narrativas sejam utilizadas muito mais completa como narrativa única, esse é um modo melhor de apresentar um material facilmente na construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as – como um todo ou fragmentadas – em torno de temas comuns.(THOMPSON, 1992, p.303)

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

Depois de muita pesquisa, organização de materiais, enfim chegamos ao nosso objetivo final. A nova tabela da Seacom, completa e correta:

| <b>SEACOM</b> | <b>Data</b>                | <b>Coordenação</b>                 | <b>Tema</b>                                    |
|---------------|----------------------------|------------------------------------|--|
| <b>1</b>      | 10-14<br>junho<br>2006     | Ana Maria<br>Stroeschoen           | Perfil profissional e mercado de trabalho      |
| <b>2</b>      | 05-12<br>maio<br>1997      | Ana Maria<br>Stroeschoen           | Redes ou teias?                                |
| <b>3</b>      | 25-29<br>maio<br>1998      | Mirela Hoeltz                      | Ética e comunicação                            |
| <b>4</b>      | 25-29<br>outubro<br>1999   | Leonel Aires                       | E agora José? Os novos caminhos da comunicação |
| <b>5</b>      | 22-26<br>maio<br>2000      | Mônica Pons                        | 500 anos de comunicação no Brasil              |
| <b>6</b>      | 04-08<br>junho<br>2001     | Fabiana Piccinin                   | Sem tema                                       |
| <b>7</b>      | 10-14<br>junho<br>2002     | Mônica Pons                        | Um show de bola com os craques da comunicação  |
| <b>8</b>      | 09-11<br>junho<br>2003     | Fabiana Piccinin                   | Não espere as ideias caírem na sua cabeça      |
| <b>9</b>      | 27-30<br>setembr<br>o 2004 | Fabiana Piccinin e<br>Leonel Aires | 10 anos da comunicação social                  |
| <b>10</b>     | 03-05<br>outubro<br>2005   | Fabiana Piccinin e<br>Leonel Aires | Comunicação, mercado e novas tecnologias       |
| <b>11</b>     | 9-11<br>outubro<br>2006    | Mônica Pons e<br>Ângela Felippi    | Comunicação e política                         |
| <b>12</b>     | 22-25<br>outubro<br>2007   | Mônica Pons                        | Comunicação e meio-ambiente                    |
| <b>13</b>     | 8-10<br>setembr<br>o 2008  | Ângela Felippi                     | Os 200 anos de imprensa no Brasil              |

|           |                           |                  |  |
|-----------|---------------------------|------------------|--|
| <b>14</b> | 21-25<br>setembro<br>2009 | Ângela Felippi   | 15 anos do curso de comunicação - Comunicação corporativa em tempos de redes sociais online e blogs corporativos |
| <b>15</b> | 04-08<br>outubro<br>2010  | Fabiana Piccinin | As redes da Comunicação  |
| <b>16</b> | 26-30<br>setembro<br>2011 | Fabiana Piccinin | Caminhos da comunicação  |
| <b>17</b> | 20-24<br>agosto<br>2012   | Demétrio Soster  | A comunicação pode mudar o mundo? - !  |

## 6 CONSIDERAÇÕES

Em uma ideia geral sobre o nosso trabalho a pesquisa deixou de ser meramente a via por onde circulariam as informações adquiridas para que o produto final tomasse forma e passou a ser também objetivo. A falta de um arquivo central e bem estruturado que reúna todo ou grande parte do material sobre a trajetória das Seacom traz a impressão de que uma parcela considerável da história do evento tenha sido apagada ou simplesmente inexistente. Este fato fez com que nosso projeto ganhasse ares de pioneirismo por se tratar de um ato isolado no que se refere ao resgate da memória do curso de Comunicação Social da Unisc.

Independente da área a que é voltada a pesquisa, seja escrita, biologia, matemática ou ciências sociais é preciso que ela possua alguns elementos que não só servem para deixar a pesquisa coesa e coerente, mas também deixam a vida do pesquisador mais fácil. Apesar de nosso projeto ter tomado um rumo diferente do planejado houve três elementos que nortearam nossa pesquisa assim como grande parte de projetos com o mesmo interesse de reavivar uma memória coletiva. Os elementos foram fontes primárias, fontes secundárias e literatura de apoio. Sendo assim, com um objetivo bem traçado o projeto caminhava para o sucesso não fosse a falta de arquivos agrupados, organizados e datados sobre a SEACOM, o que acabou dificultando o trabalho, mas também deu ao projeto uma importância maior.

Além de nosso projeto possuir uma ideia de revisão bibliográfica onde são elaborados textos teóricos e trabalhos de natureza empírica, sociológica e antropológica também não abrimos mão da riqueza enorme e da experiência insubstituível que é a coleta de dados em arquivos que guardam documentos originais e históricos. Em nossa investida em busca da história de vida da SEACOM nos apropriamos de um ideal de fontes

complementares, que seriam arquivos de áudio ou imagem, e as transformamos em conteúdo. Estes dados mesmos que desorganizados e de aparente difícil acesso foram definitivos para mapeamento e conclusão do projeto.

O mapeamento sabem sobejamente os pesquisadores é o primeiro e dos mais importantes passos de pesquisa historiográfica, quando se procuram identificar, no acervo documental disponível, as fontes principais diretamente afetas ao estudo do objeto temático já definido. Essas fontes principais por sua vez, constituem o eixo da pesquisa. Elas são previsíveis, indispensáveis e ignorá-las ou omiti-las significa falha metodológica gravíssima, capaz de comprometer a qualidade final do trabalho historiográfico. Da mesma forma que as fontes complementares inicialmente mencionadas, as não arroladas, imprevistas, localizadas por acaso, intuição ou sorte do pesquisador frequentemente acabam por representar uma achega considerável à construção historiográfica, às vezes também o elo perdido. (BITENCOURT, 2009, p.16).

Assim sendo se há alguma dúvida quanto à importância do historiador ou do pesquisador, a resposta está no fato de que as decisões de nossa rotina social passam pelas instâncias do político, do econômico e do cultural e são definidas em nível ideológico; sabemos também que todo o povo que tiver o domínio de sua história como instrumento de construção, isto é, quem tiver memória e consciência histórica, com uma posição mais segura, será dono do seu presente e do seu futuro. Todo o grupo social que esquece seu passado, que apaga sua memória é mais facilmente preso de artimanhas e interesses de grupos; penaliza seu presente e desorienta-se diante do futuro.

## **REFERÊNCIAS**

BITENCOURT, Ana Palmira et al. *A preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória*. São Paulo, 2009, 283 pp.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 385pp.